

## As aves de rapina migratórias

Publicado em 15/05/2015

Willian Menq<sup>1</sup>

Email: [willianmenq@gmail.com](mailto:willianmenq@gmail.com)

No Brasil ocorrem 97 espécies de aves de rapina, dessas 9 realizam migrações regulares. Algumas espécies como o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), podem percorrer mais de 22 mil km até seu destino final. Outras, no entanto, ainda têm seus movimentos migratórios pouco conhecidos. Neste artigo, é apresentando uma breve descrição dos movimentos migratórios das nove espécies migrantes do Brasil.

Durante o inverno do hemisfério norte, a baixa oferta de alimentos aliada a fatores endógenos, induz a migração de várias espécies de falcões e gaviões. Eles migram para seus sítios habituais de alimentação ou áreas de invernada para as regiões mais quentes do continente. Montanhas, florestas densas, oceanos e lagos são obstáculos frequentes no caminho desses migrantes.

Em algumas espécies, todos os indivíduos migram. Em outras, somente parte da população realiza migração. A distância percorrida varia entre as espécies, o gavião-miúdo (*Accipiter striatus*), por exemplo, realiza pequenas migrações dentro da América do Norte. Já alguns indivíduos de falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) se deslocam mais de 22 mil quilômetros até seu destino final, no extremo sul da América do Sul.

Como as aves de rapina encontram o caminho para seus habitats temporários é uma incógnita.

Alguns estudos antigos sugerem que as aves usam o sol e as estrelas para navegar, contando também com detalhes da paisagem, já outros trabalhos mais recentes apontam o magnetismo da Terra, além de detalhes da paisagem, como meio de orientação durante as migrações (Wiltshko & Wiltshko 2009). Por que os rapinantes retornam para a América do Norte também não é muito óbvio. Pesquisadores acreditam que o baixo número de predadores, competidores, dias mais longos para a caça, e acima de tudo, mais abundância de presas, aumenta o sucesso reprodutivo na zona temperada. Acredita-se que a duração do dia, direção do vento e mudanças hormonais desempenham um papel importante no instinto migratório das aves de rapina, funcionando como um “gatilho” para que elas iniciem as migrações.

### Estratégias de migração

Rapinantes de asas largas, como as águias, gaviões buteonines e urubus, usam as correntes de ar ascendentes e térmicas para ganhar altura e migrar longas distâncias planando. Com isso, essas aves conseguem voar mais de 450 km por dia, evitando grandes massas de água dando preferências por caminhos terrestres, onde as correntes de ar ascendentes e térmicas ocorrem com mais frequência. Como gastam pouca energia, muitas espécies quase que não se alimentam na jornada de migração, com pouquíssimas paradas. Já os falcões (*Falco* spp) apresentam um voo mais “braçal”, com batidas de asa durante os deslocamentos. Os voos batidos permitem que estas aves voem de forma mais retilínea. Como



Gavião-tesoura (*E. forficatus*). Foto: Willian Menq

<sup>1</sup> Citação recomendada

MENQ, W. (2015) *Aves de Rapina Brasil – As aves de rapina migratórias*. Disponível em: <[http://www.avesderapinabrasil.com/materias/avesderapina\\_migratorias.htm](http://www.avesderapinabrasil.com/materias/avesderapina_migratorias.htm)>

o voo batido gasta muito mais energia se comparado ao voo planado, alguns falcões chegam a ganhar mais de 20% do seu peso corporal em gordura antes de começar a migrar, também necessitam caçar quase que diariamente no início da manhã ou final do dia, durante a migração. Normalmente as aves de rapina se deslocam durante o dia, parando ao anoitecer. Porém, em paisagens monótonas ou lugares sem poleiros para descanso, como no oceano, elas podem voar por toda a noite e por várias horas seguidas, não é difícil falcões-peregrinos e águias pescadoras voarem por mais de 40 h sem escala sobre o mar.

A maioria das aves de rapina são solitárias na maior parte do ano. Algumas espécies, no entanto, se reúnem em bandos de dezenas ou centenas de indivíduos durante a migração, como é o caso do gavião-do-mississippi (*Ictia mississippiensis*). Se reunindo em bandos, fica mais fácil localizar as correntes térmicas e usá-las de forma mais eficiente.

Atualmente, com a existência de bancos de dados colaborativos *online*, como o *Wikiaves* e o *eBird*, que contam com milhares de registros, além de projetos de monitoramento de indivíduos via satélite (*Hawk Mountain, Rutland Osprey Project*), foi possível preencher diversas lacunas acerca da distribuição e migração das aves de rapina. Assim, analisado todos os registros disponíveis nos dois bancos de dados, foi possível inferir alguns padrões de distribuição/migração dos rapinantes brasileiros.

### **Espécies migratórias que ocorrem no Brasil**

Pelo menos nove espécies de rapinantes são migrantes regulares no Brasil: a águia-pescadora (*Pandion haliaetus*), gavião-do-mississippi (*Ictia mississippiensis*), gavião-de-asa-larga (*Buteo platypterus*), gavião-papa-gafanhoto (*Buteo swainsoni*), falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), esmerilhão (*Falco columbarius*), sovi (*Ictinia plumbea*), gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*) e o gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*).

### **Migrantes neotropicais**

#### *Elanoides forficatus*

Durante o período de abril a julho, as populações de *E. forficatus* estão concentradas no norte do continente, principalmente na região amazônica. No Brasil, limitado aos estados da região norte, incluindo norte do Mato Grosso, extremo noroeste do Tocantins e oeste do Maranhão. A partir do final de julho e início de agosto os *E. forficatus* iniciam seus movimentos migratórios para o sul e sudeste do Brasil (Figura 2). Já em meados de agosto, especialmente nas duas últimas semanas, grandes concentrações podem ser avistadas nas regiões onde a espécie realiza “*stopover*”, que são paradas de pouso temporário para descanso e alimentação antes de chegar ao destino final. Os bandos podem ultrapassar 100 indivíduos, e os estados do MS, MT e noroeste e norte do PR e SP, são as áreas mais estratégicas para visualização desses bandos.

A partir de setembro, boa parte dos *E. forficatus* já atingiram seu destino final de migração, podendo ser encontrado desde o extremo sul da Bahia até o norte/nordeste do Rio Grande do Sul. Aparentemente, os dados sugerem que as maiores concentrações da espécie estão no noroeste do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, sul do Paraná e sudeste de São Paulo. Já nas primeiras semanas de março, as populações iniciam o regresso para a região amazônica, alguns estados como o Rio de Janeiro, Espírito Santo, sul da Bahia e Minas Gerais, praticamente não são mais encontrados *E. forficatus* nesse período. Nesse período, grandes concentrações da espécie podem ser avistadas regressando. Em Maringá/PR, por exemplo, Fernandes (2013) avistou um bando com aproximadamente 200 indivíduos sobrevoando um parque urbano da cidade (Figura 6), provavelmente regressando para o norte do país. Em abril, o *E. forficatus* já não é mais visto no sudeste/sul do país.

#### *Ictinia plumbea*

O sovi (*Ictinia plumbea*) ocorre por quase todo o Brasil, exceto nos pampas gaúchos e no sertão nordestino. As populações do sul e sudeste, e parte do centro-oeste são migratórias, deslocando-se para o norte do continente no final janeiro/início de fevereiro (Figura 3). Em março, a espécie praticamente some do sul, sudeste e centro-oeste do país (exceto norte do MT), com alguns registros ocasionais de indivíduos solitários nos meses frios (abril a julho). Em agosto, as populações migratórias começam o regresso para o sul/sudeste/centro-oeste onde vão reproduzir-se, com maior pico de chegada ao final de setembro.

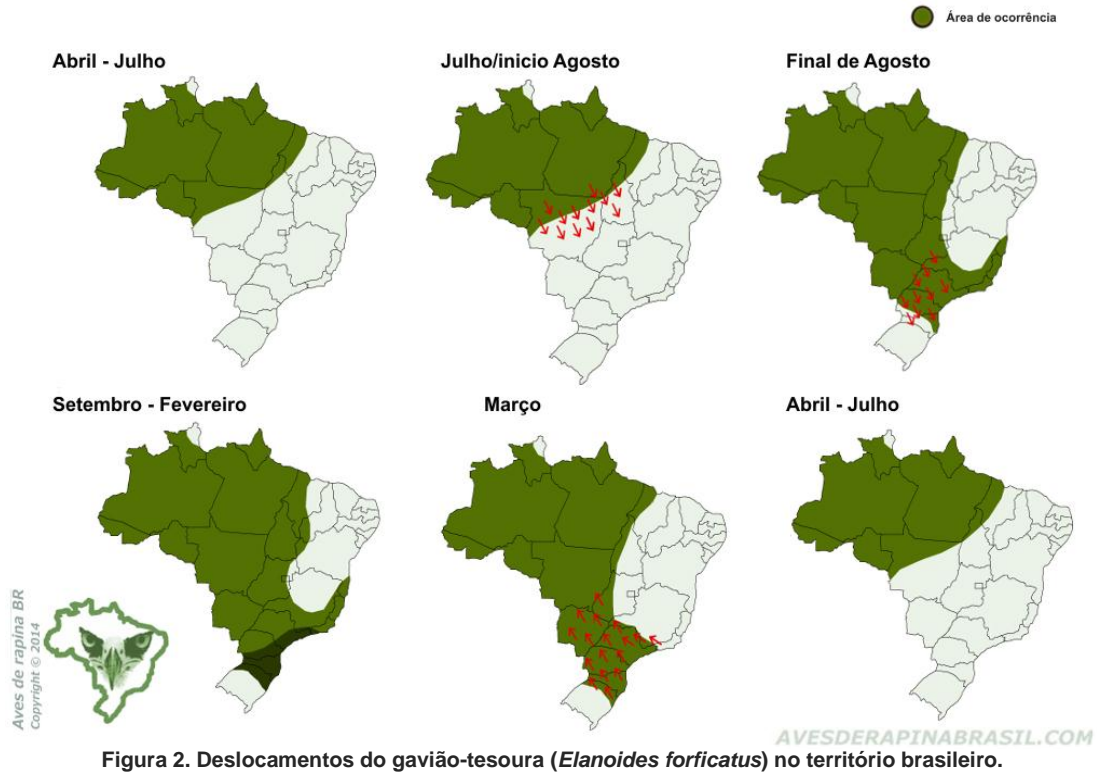


Figura 2. Deslocamentos do gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*) no território brasileiro.

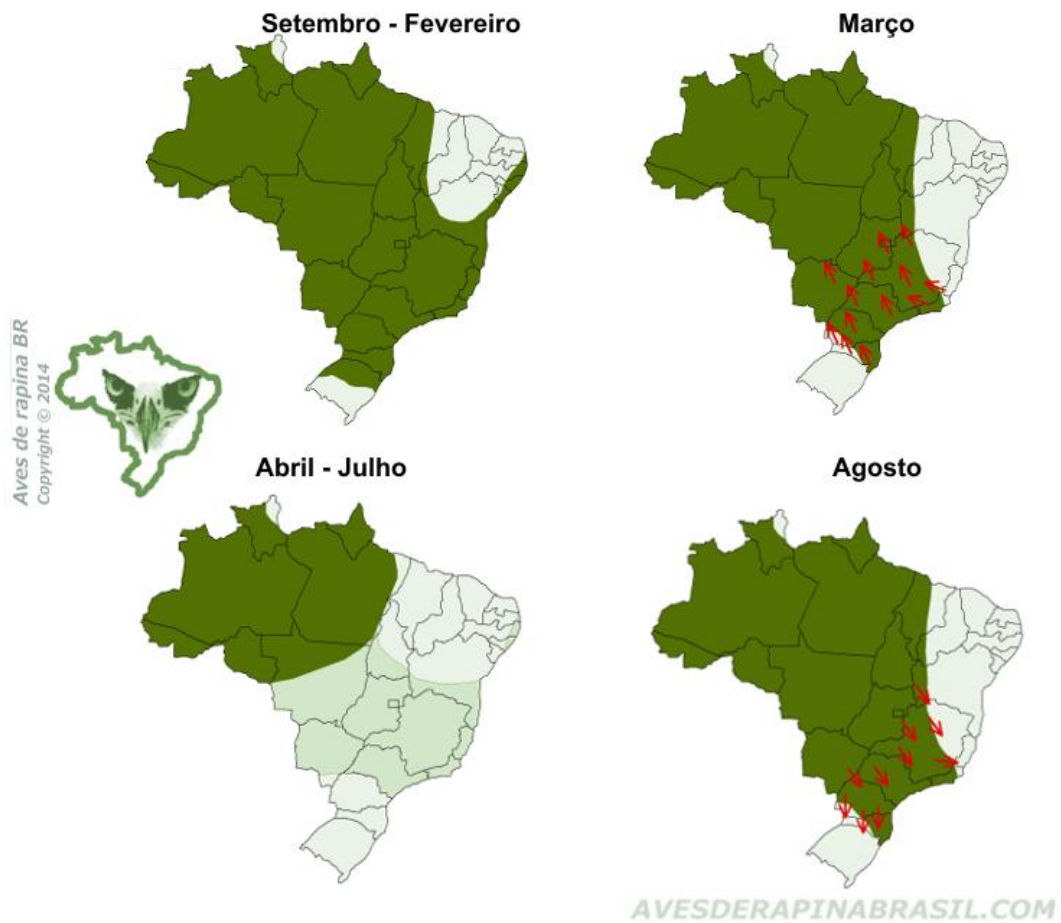


Figura 3. Deslocamentos do sovi (*Ictinia plumbea*) no território brasileiro.

*Harpagus diodon*

O gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*, Figura 7) é outro migrante que até pouco tempo tinha seus movimentos migratórios pouco conhecidos. Lees & Martin (2015) descobriram que a espécie é um autêntico migrante, desaparecendo por completo da Mata Atlântica nos meses frios do ano (Figura 4 e 5). Durante o período reprodutivo (setembro a fevereiro) o *H. diodon* permanece nas florestas do sul e sudeste do Brasil (do RS até o sul da Bahia). A partir do final de abril e início de maio, a espécie inicia seus movimentos migratórios para a região amazônica, onde permanece até o mês de agosto.

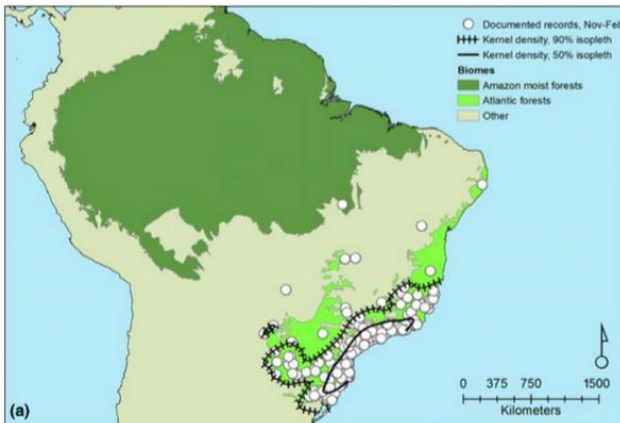


Figura 4. Área de ocorrência do gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*), em Novembro-Fevereiro.  
Fonte: Lees & Martim (2015)

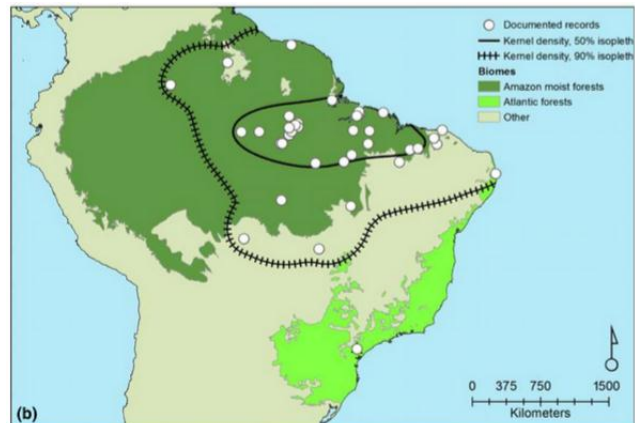


Figura 5. Área de ocorrência do gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*), em Maio-Agosto.  
Fonte: Lees & Martim (2015)



Figura 6. Bando de gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*) rumo ao norte do país. Foto: Elirani Fernandes



Figura 7. Gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*), em área reprodutiva, sudeste do país. Foto: Willian Menq

**Migrantes vindos do Hemisfério Norte**

*Ictinia mississippiensis*

O gavião-do-mississippi (*Ictinia mississippiensis*) é um migrante oriundo do sul e leste dos Estados Unidos (Arizona, Kansas, Illinois, Missouri e Kentucky até Carolina do Sul). Se reproduz por lá, e partir do final de agosto/início de setembro inicia os movimentos migratórios para a América do Sul, cruzando a América Central e usando a região central da América do Sul como rota migratória para chegar ao Paraguai e norte da Argentina (Figura 9). Migram em bandos de centenas de indivíduos, sendo que nos meses de setembro outubro podem ser avistados cruzando ou realizando paradas temporárias na região norte e centro-oeste do Brasil e Bolívia (Figura 8). Permanecem nas áreas de invernada no norte da Argentina e Paraguai de setembro até abril, já no final de março e início de abril bandos podem ser registrados cruzando os

estados do MT, MS, RO, AC e AM. Em maio já desaparecem por completo da América do Sul. Em março de 2015, ornitólogos registraram um bando de 320 indivíduos sobrevoando Asunción (Paraguai), e no dia 18 registraram a incrível quantidade de 15 mil indivíduos em Formosa (Argentina), todos segundo direção norte, provavelmente iriam cruzar o centro-oeste do Brasil (com. pess. Rudi Laps).



Figura 8. Bando de gavião-do-mississippi (*Ictinia mississippiensis*). Jangada/MT.  
Foto: Juan Mazar Barnett



Figura 9. Área de ocorrência do gavião-do-mississippi (*Ictinia mississippiensis*) no continente americano. Azul: área de invernagem, Amarelo: área reprodutiva.

#### *Pandion haliaetus*

A águia-pescadora (*Pandion haliaetus*) realiza migrações incríveis. A partir do início da primavera começa seus movimentos migratórios para a América do Sul. Em média, aparece no Brasil em outubro (pode variar dependendo da região do país) e retorna no final de março ou início de abril.

Pode voar de 5 a 15 mil km de sua área reprodutiva até os sítios de invernagem, com percursos que duram de 20 a 30 dias. Migra principalmente durante o dia, por mais de 8 h consecutivas, voando em média 200 km/dia, realizando poucas paradas para descanso e alimentação, por vezes voando mais de 40 h consecutivas (quando voam sobre o oceano). Normalmente voa em alturas que variam de 800 a até 2.500 m quando há térmicas favoráveis, especialmente em áreas desérticas/marítimas. Em situações climáticas adversas, como fortes tempestades, a águia cessa as atividades e espera o tempo melhorar.

Indivíduos jovens em sua primeira migração, podem permanecer no Brasil por 2 ou mais anos até retornarem a América do Norte para se reproduzir, sempre retornando para os mesmos locais.

A espécie pode ser encontrada em qualquer região do Brasil, habita lagos, rios, estuários e áreas costeiras. Também pode ser vista em ambientes aquáticos inseridos em áreas urbanas, como é o caso das cidades de Manaus/AM, Belém/PA, Rio de Janeiro/RJ, Florianópolis/SC, Porto Alegre/RS, Sobral/CE, etc.

#### *Buteo platypterus*

O gavião-de-asa-larga (*Buteo platypterus*), oriundo da América do Norte e Central, migra para o noroeste da América do Sul, normalmente usando a parte terrestre da América Central como rota de migração (Figura 11). Conta com poucos registros no Brasil, talvez por ser ignorado/confundido com outros gaviões comuns, como o gavião-carijó (*R. magnirostris*). Aparece no Brasil na região norte e centro-oeste (Stotz 1992). Conta também com um registro no sul do país, no Parque Estadual do Turvo (Meller & Bencke, 2012), sugerindo uma ampliação da área de invernagem da espécie no país.

#### *Buteo swainsoni*

O gavião-papa-gafanhoto (*Buteo swainsoni*) tem como destino final o extremo sul do Brasil, Argentina e Uruguai, podendo ser registrado em outras partes do país como vagante durante seu processo de migração, com predominância de registros de indivíduos jovens (Mikich & Bernils 2004)(Figura 10).



Figura 10. Área de ocorrência do gavião-papa-gafanhoto (*Buteo swainsoni*). Azul: área de invernagem, Amarelo: área reprodutiva.



Figura 11. Área de ocorrência do gavião-de-asa-larga (*Buteo platypterus*). Azul: área de invernagem, Amarelo: área reprodutiva.

### *Falco columbarius*

O esmerilhão (*Falco columbarius*), também se desloca para a América do Sul durante seu período não-reprodutivo, migrando para o norte do Peru, Venezuela e norte do Brasil (região amazônica) (Figura 13). É um migrante raro, de baixa abundância e muito semelhante aos outros falcões que ocorrem no Brasil, podendo inclusive ser confundido com um jovem quiriquiri (*F. sparverius*). Dornas & Pinheiro (2014) sugerem que a espécie esteja sendo subamostrada no país.



Figura 12. Esmerilhão (*Falco columbarius*) em Wanderlândia/TO, Maio de 2011. Foto: Wanieulli Pascoal

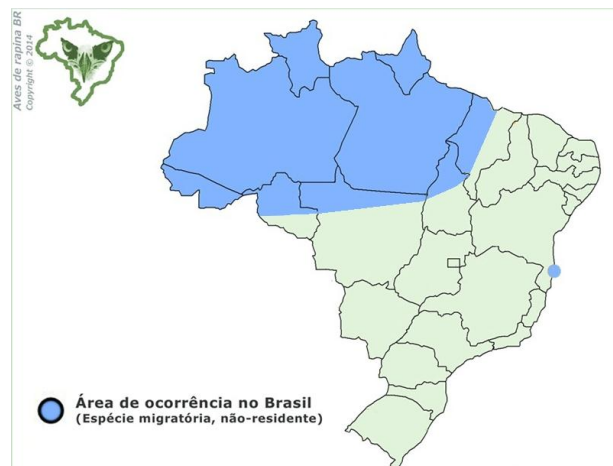


Figura 13. Área de invernagem do esmerilhão (*Falco columbarius*) no território brasileiro.

### *Falco peregrinus*

O falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) é o rapinante migratório mais popular, aparece no Brasil entre os meses de outubro e abril. Pode ser observado em praticamente todas as regiões, sendo mais comum nos grandes centros urbanos e cidades costeiras. É um falcão cosmopolita, ou seja, ocorre em quase todas as regiões do planeta. No continente americano ocorrem quatro subespécies, das quais duas chegam ao Brasil durante movimentos migratórios: o *F. p. tundrius*, mais ártica e o *F. p. anatum*. O *tundrius* é uma raça menor, vive nas regiões mais setentrionais da América do Norte. É a subespécie norte-americana que mais responde aos estímulos migratórios com deslocamentos de longa distância. O *F. p. anatum* tem uma distribuição mais ampla, abrangendo áreas de amplitudes térmicas variáveis e menos extremas, e dado a isso, nem todos chegam a se deslocar tanto do seu ponto de origem, mas os que se deslocam mais chegam a atingir os países sul-americanos, inclusive o Brasil.



Figura 14. Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) em área de  
invernagem. Maringá/PR, Janeiro de 2014.  
Foto: Willian Menq



Figura 15. Área de ocorrência do falcão-peregrino (*F.  
peregrinus*) na América. Azul: área de invernagem, Amarelo –  
área reprodutiva. Verde – residente;

Uma característica impressionante do falcão-peregrino é sua fidelidade aos locais de invernagem, de forma que os mesmos indivíduos retornem todos os anos para os mesmos territórios. A mesma fidelidade também é observada quanto aos poleiros utilizados nessas áreas, tanto os de uso estratégico para caça, como os poleiros de repouso e alimentação. No município de Maringá/PR, alguns indivíduos foram observados usando os mesmos poleiros de repouso noturno por quatro temporadas consecutivas (2012 a 2015) (W. Menq, *in prep*). Em Salvador/BA, há registros mais impressionantes de indivíduos usando os mesmos pontos de invernagem por sete temporadas consecutivas (obs. pess. Sávio Drummond). Normalmente migram e permanecem solitários nas áreas de invernagem, mas também pode aparecer em casais, inclusive compartilhando os mesmos territórios e poleiros nas áreas de invernagem (W. Menq, *in prep*).

### Corujas migratórias?

As corujas brasileiras não são migratórias, algumas podem realizar no máximo pequenas dispersões regionais. A única coruja que talvez pudesse apresentar movimentos migratórios é o mocho-dos-banhados (*Asio flammeus*). É uma coruja cosmopolita, no hemisfério norte pesquisadores apontam migrações norte/sul e oeste/sudoeste da subespécie *A. f. flammeus*. Já a subespécie brasileira, *A. f. suinda*, conta com poucos estudos e não há nenhuma evidência que indique sua migração no país.

### Agradecimentos

Agradecimentos a Elirani Fernandes, Wanieulli Pascoal, por cederem suas fotos ao texto; ao Juan Mazar Barnet e Sávio Drummond (*in memoriam*); ao Reinaldo Guedes (Wikiaves) pelo apoio e gentileza, colaborando com dados importantes; e à Jessica M. Nascimento pela crucial ajuda na revisão do texto.

### Referências Bibliográficas

Dornas, T. & Pinheiro, R. T. (2014) First record of Merlin *Falco columbarius* from Tocantins and a review of previous Brazilian records. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 22(1) 49-52

Hawk Mountain (2015) Raptor Tracking Maps. Disponível em: <<http://www.hawkmountain.org/>> Acesso em maio de 2015.

Fernandes, E. (2013). [WA906222, *Elanoides forficatus* (Linnaeus, 1758)]. *Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil*. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/906222>> Acesso em: 14 Mai 2015.

Lees, A. C. & Martin, R. W. (2015). Exposing hidden endemism in a Neotropical forest raptor using citizen science. *Ibis* (157) 103–114.

Meller, D. & Bencke, G. A. (2012) First record of the Broad-winged Hawk *Buteo platypterus* in southern Brazil, with a compilation of published records for the country. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 20(1), 75-80

Menq, W. Casais de falcões-peregrinos em invernagem no Brasil (*in prep.*)

Mikich, S.B. & R.S. Bérnils (2004) *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná*, Maternatura.

Rutland Osprey Project. *Monitoramento de águias-pescadoras*. Disponível em: <  
<http://www.ospreys.org.uk/> > Acesso em maio de 2015.

Sick, H. (1997) *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 862p.

Stotz, D. F.; Bierregaard Jr., R. o.; Cohn-Haft, M.; Petermann, P.; smith, J.; Whittaker, A. and Wilson, s. v. (1992). The status of North American migrants in central Amazonian Brazil. *Condor*, 94:608-621

Wiltschko, R. & Wiltschko, W. (2009) Avian Navigation. *The Auk* 126(4) 717-743.



**Publicações – Aves de Rapina BR**  
**[www.avesderapinabrasil.com](http://www.avesderapinabrasil.com)**

© Fotografias do site

As fotografias são de propriedade de seus respectivos autores, na qual permitiram a exibição no site Aves de Rapina Brasil. É proibida a reutilização, total ou parcial das fotografias, sem autorização de seus autores. As fotos estão protegidas por Lei Federal N° 9.610 que garante os direitos autorais da imagem.